

O evento das “100 Maiores e Melhores Empresas” da Madeira, contou na sua 21ª edição com uma alteração dos critérios de atribuição dos prémios. Esta novidade, ao nível técnico, consubstancia-se na reformulação dos critérios de avaliação, uma vez que passam a incluir novos indicadores e é também considerada uma ponderação para as variações em termos relativos e absolutos, ou seja, ambas as variações passam a ser analisadas sempre em conjunto, concorrendo com igual importância para a pontuação final.

Outra novidade, não menos importante é a introdução de dois novos prémios, o Prémio de Responsabilidade Social e o Prémio Rookie. A organização pretendeu com estes prémios, não só promover o espírito de Responsabilidade Social nas empresas da região, num momento de crise, onde mais do que nunca se pede um espírito de solidariedade e execução de práticas justas junto dos trabalhadores, mas também fazer passar uma mensagem de esperança, criando o Prémio Rookie, visando premiar as empresas com menos de 3 anos, realçando que existem oportunidades na adversidade e neste momento de crise existem negócios que podem nascer e prosperar.

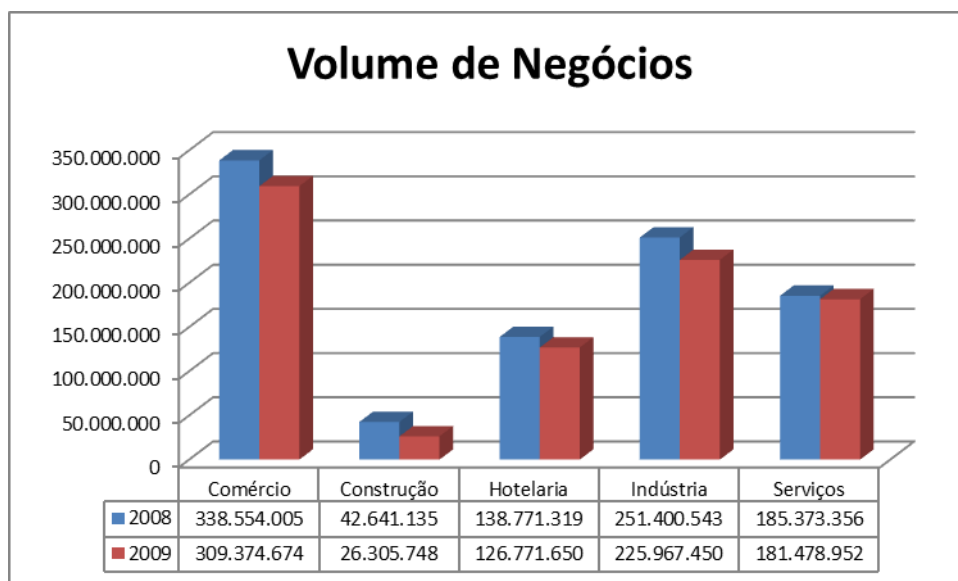
Nesta edição concorreram 154 empresas distribuídas pelos sectores do Comércio (50), Construção (5), Hotelaria (22), Indústria (21) e Serviços (56) e 4 Grupos, sendo 2 referentes ao sector da Hotelaria, 1 do Comércio e 1 da Indústria.

Os critérios utilizados que estão na base da identificação das empresas premiadas foram a Dimensão, Rentabilidade, Dinamismo, Contribuição da Empresa para Economia e o Equilíbrio Financeiro. O método de ordenação das empresas baseia-se na atribuição de pontos aos participantes, sendo que, em cada indicador, os pontos são calculados com base no rácio em que no numerador consta o indicador referente à empresa em questão e no denominador o indicador da empresa com a melhor performance, multiplicado por 100.

Indicadores e ponderações de cada indicador		
Crítérios	Indicadores	Peso
1. Dimensão	Volume de Negócios	50%
	Activo Líquido	50%
2. Rentabilidade	Rentabilidade do Activo (ROA)	33.33%
	Rentabilidade dos Capitais Próprios (ROE)	33.33%
	Rentabilidade do Volume de negócios (ROV)	33.33%
3. Dinamismo	Varição do Volume de Negócios (Relativa)	25%
	Varição do Volume de Negócios (Absoluta)	25%
	Varição Rentabilidade do Activo (ROA)	16.66%
	Varição Rentabilidade dos Capitais Próprios (ROE)	16.66%
	Varição Rentabilidade do Volume de negócios (ROV)	16.66%
4. Contribuição das Empresas para Economia	Crescimento do VAB (Relativo)	25%
	Crescimento do VAB (Absoluto)	25%
	Varição dos Postos de Trabalho (Relativo)	25%
	Varição dos Postos de Trabalho (Absoluto)	25%
5. Equilíbrio Financeiro	Autonomia Financeira	50%
	Liquidez Geral	50%

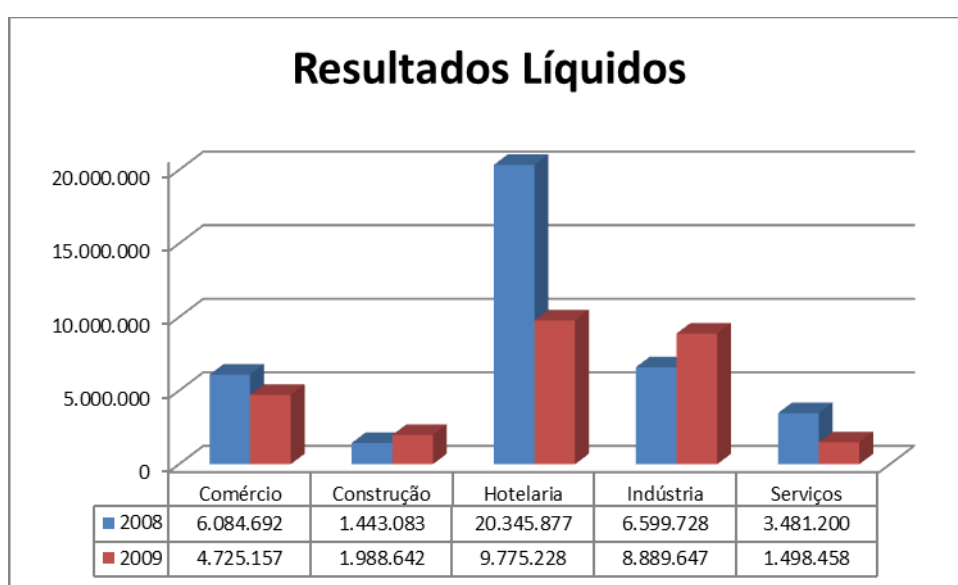
Da análise que efectuámos aos dados que nos foram submetidos, verificámos que, para o universo das 154 empresas que se candidataram o ano de 2009 foi um ano de

recessão em todos os sectores, comprovada pela diminuição generalizada do Volume de Negócios directamente repercutidos nos Resultados líquidos.



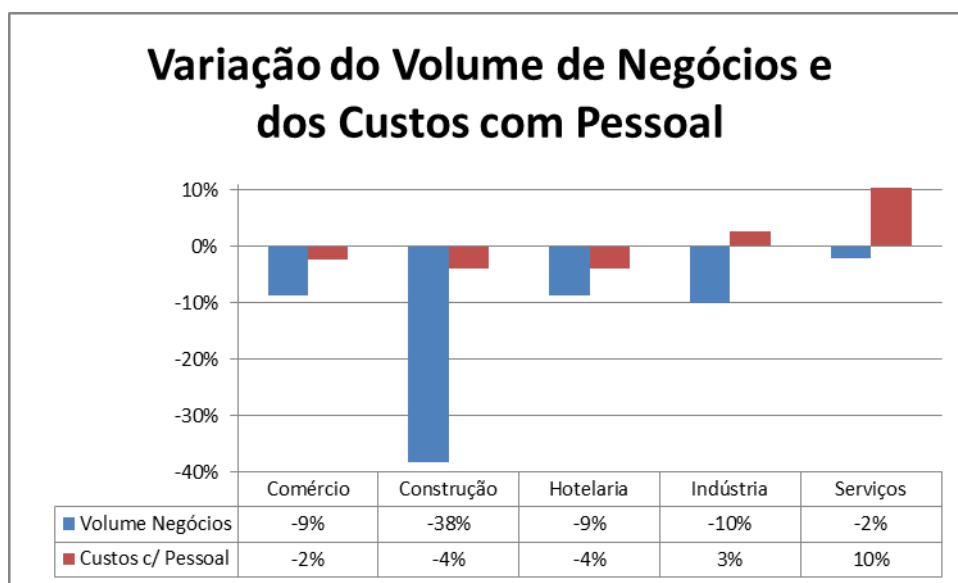
Em termos globais, a diminuição do Volume de Negócios ascendeu aos 9%, equivalente a 87 milhões de euros. Em termos sectoriais, o sector da Construção foi aquele que sofreu uma a maior quebra do seu volume de negócios, registando uma queda de 38% face a 2008, sendo o sector dos Serviços aquele que menos sofreu com a crise, com um decréscimo de apenas 2%.

De salientar o decréscimo do Volume de negócios registado no sector da Hotelaria. Num sector onde os investimentos iniciais são elevados e a maioria dos custos são fixos, as diminuições nos Volume de negócios repercutem-se directamente nos resultados das Empresas. Esta conclusão pode ser facilmente observável no gráfico seguinte:



Os resultados líquidos sofreram um decréscimo de 29% no exercício de 2009. Enquanto que no universo analisado, em 2008, 25 empresas apresentavam resultados líquidos negativos, em 2009, este número ascendeu a 38. O sector que mais sofreu, em termos percentuais foi o sector dos serviços, juntamente com o sector da hotelaria, que apesar de terem salvaguardado o seu volume de negócios, viram as suas margens diminuir substancialmente.

A diminuição dos resultados líquidos por seu turno, é explicado pela diminuição do volume de negócios mas também pela manutenção da estrutura dos custos fixos. Se compararmos a variação dos custos com pessoal, com a variação do volume de negócios, constatamos que as empresas não conseguiram adaptar a sua estrutura de pessoal às suas necessidades.



Verifica-se que, o sector dos serviços aumentou os custos com o pessoal, evidenciando uma política de investimento mesmo num período de retracção, contudo, podemos observar que os custos permanecem quase fixos, quando o decréscimo do volume de negócios ascendeu a valores quase 10 vezes superior, no sector da construção, à variação dos custos com pessoal.

Em termos de Equilíbrio Financeiro, no global, o rácio de autonomia financeira ascende a 27%, um ponto percentual superior ao ano de 2008, directamente justificado pela injeção de capitais próprios, por parte de algumas empresas. Este rácio apresenta o seu valor mais elevado no sector do comércio, na ordem dos 40% e o mais baixo no sector dos serviços, 12%, distinguindo claramente os sectores capital intensivo e capital humano intensivo.

No tocante ao emprego, em 2009, houve uma criação líquida de 64 postos de trabalho, sendo que o sector do comércio, construção e serviços contribuíram para o aumento do emprego em 28, 9 e 87 postos respectivamente e o sector da Hotelaria e Indústria contribuíram para uma diminuição com 47 e 13 postos de trabalho, respectivamente.

Relativamente aos Grupos Económicos, os indicadores vêm em linha com os dados das empresas a nível individual. O Volume de negócios ascendeu a cerca de 453 milhões de euros, representando uma diminuição de cerca de 6% face ao ano anterior e os

Resultados líquidos, que se cifraram em cerca de 22 milhões de euros sofreram uma queda de cerca de 13%.